



Emília e Jorge Mariano

Equipa Coimbra 26, Setor Coimbra Centro, Região Centro Litoral

A Caminho de Fátima 2018

Pediram-nos um testemunho, a propósito do Encontro Internacional Fátima 2018, uma vez que participámos no Encontro de Brasília. Mas esse não foi o nosso primeiro Encontro Internacional. Nós já tínhamos tido oportunidade de ir a outros, o primeiro dos quais em Santiago de Compostela, em 2000: *“O casal, imagem do Deus trinitário”*. O Jorge não conseguiu participar em todo o Encontro. Nesse tempo era Presidente Regional do Centro da Ordem dos Engenheiros e teve de ir ao Congresso que se realizava no Porto, nas mesmas datas. Esteve, contudo, nos dois primeiros dias. Depois (diz a Emília), fiquei acompanhada pelo casal Biscaia, que me fez uma excelente companhia (as saudades que tenho de ambos!). As cerimónias decorriam num Pavilhão Gimnodesportivo e, dada a dificuldade de mobilidade, durante as Celebrações Eucarísticas, cada membro do casal ministrava a sagrada comunhão ao outro, e depois passava o cálice com as partículas ao casal do lado. Como esse pequeno gesto tão cheio de simbolismo nos tocou! Mas também recordamos algumas das palestras. *“O nó de 3 fios”*, com que o Xavier Delacroix nos presenteou. Vale a pena reler esse texto e entender como o casamento cristão é um nó de 3 fios.

Estivemos depois em Lourdes, em 2006: *“Equipas de Nossa Senhora, comunidades vivas de casais, reflexo do amor de Cristo”*. Viajámos de comboio, o que se revelou extraordinário pelo convívio que se estabeleceu. Como éramos dos mais idosos, fomos presenteados com um lugar na carruagem-cama, onde seguiam também casais lendários do início das ENS em Portugal. Temendo esquecer algum, arriscamos enumerá-los: o casal Carvalheira, o casal Vaz Pato, o casal Negrão e mais algum que agora não lembramos. Neste Encontro, como não recordar o dever de se sentar naquele grande relvado de Lourdes, em frente



da Gruta de Nossa Senhora, onde se viam centenas de casais sentados no chão ou nas cadeirinhas que foram fornecidas? Essa imagem representa bem a força que o “dever de se sentar” tem na metodologia do Movimento. Marcante foi também a apresentação do peixe como novo símbolo do Movimento, na imensa cripta de Lourdes. E como esquecer a alegria dos casais brasileiros que enchiam por completo o nosso hotel, onde tivemos inolvidáveis

reuniões de Equipa? E como não recordar a procissão noturna e tantos momentos altos dessa peregrinação?

Depois foi a vez de Brasília. A este Encontro levava-nos não só o gosto de nele participar, e para o qual, aliás, nos tínhamos preparado, mas também a possibilidade de, findo o Encontro, podermos conhecer um pouco do Brasil, país onde nunca tínhamos estado. E se referimos este facto é porque ele se prende com um dos momentos mais marcantes deste Encontro, que mais à frente descreveremos.

A chegada foi difícil, o voo aterrou pouco antes da sessão inaugural do Encontro, e fomos colocados, como único casal português, num centro de estágio onde estavam cerca de 500 outros equipistas, localizado na periferia de Brasília. Assim, quando o autocarro nos deixou no hotel, estava na hora da sessão de abertura no Ginásio Nilson Nelson. Só tivemos tempo de deixar as malas e seguir no autocarro. Quando chegámos estava a iniciar-se a cerimónia de abertura, o jantar já tinha terminado. A sessão foi extraordinária, mas a chegada da pequenina imagem da Senhora da Aparecida, com todo o pavilhão a vibrar, a cantar e a aplaudir, foi um momento inolvidável. Nesse dia jantámos um chocolate e, na manhã seguinte, com a má organização inicial do pequeno-almoço, quase nada comemos. Começou o Encontro e, logo pela manhã, tínhamos Timothy Radcliffe a dar-nos algumas **marteladas**:



Primeira martelada: “Quando Jesus curou o cego de nascença (Marcos 8, 22ss), precisou de duas tentativas. Depois da primeira, o homem não via as pessoas, apenas árvores a andar. Às vezes sinto que estou nesta situação!”. **E nós olhámo-nos!...**

No segundo dia, nova martelada: “A verdadeira compaixão significa que olhamos para as pessoas com amor, mas também nos deixamos ver. Se só olharmos, então estamos a reivindicar alguma superioridade”. **E nós olhámo-nos!...**

Terceiro dia, nova martelada: “Encorajemo-nos uns aos outros a ter a coragem de deixar que Deus vire do avesso os nossos planos!” **E nós, lá no fundo, não acreditamos! Deus tem sido tão bom para nós!...**

Quarto dia, última martelada: “Jesus diz: «Vai e faz tu também o mesmo» e não «Vai e faz a mesma coisa». Não diz ao doutor da Lei o que ele tem de fazer. Ele é que tem de o descobrir. Será inesperado, mas, se deixarmos a Palavra de Deus germinar nos nossos corações, acabaremos por o descobrir. Que Deus nos dê a coragem de o fazer!” **E nós rezámos!...**

Como bem compreendem, não gostámos apenas do que nos disse o P. Radcliffe, mas também do seu estilo provocador, que nos desinstala. Não esquecemos também a entrada da Tó e do Zé Moura Soares no pavilhão, e gritámos, saltámos, no fundo somos portugueses e

orgulhamo-nos deles. Ouvimos com muita atenção o testemunho da Isabel e do Paulo e revimo-nos nos “acazos” da sua estória, que tem semelhanças com a nossa, e que mais não são que o amor de Deus a atuar em nós.

É agora altura de fazer o balanço da nossa resposta à carta de envio da Tó e do Zé Moura Soares. Quando nos pede que:

- “Procuremos então novas formas de difundir o Evangelho, em resposta às questões postas pelos novos tempos, formas que aliem o amor à santidade. Somos chamados a PARTIR, a OUSAR, a AMAR. Partamos sem medos!”

- “Ousemos o Evangelho, com Fé, Esperança e Caridade, e seguindo as palavras de Cristo: «Vai e Faz o Mesmo».”

...Sabemos que não conseguimos, mas estamos certos de que, apesar das nossas fraquezas, o tentamos.

De regresso de Brasília, um grupo de equipistas não viajou diretamente para Portugal, mas passou pelo Rio de Janeiro. Nós integrámos esse grupo, que esteve dois dias no Rio e fez algumas visitas. Num desses dias, deslocámo-nos ao Corcovado, num grupo que incluía o então Bispo de Aveiro, D. António Francisco. Não nos conhecia, apenas saberia que éramos equipistas de Coimbra. Durante o tempo que aguardávamos a subida, e no trajeto, contou-nos algo que nos encantou e que, agora, depois do seu falecimento, nos cria uma saudade imensa. O seu pai tinha emigrado para o Brasil quando ele era pequeno, e ele tinha aprendido a escrever com as pequenas cartas que lhe dirigia. Entretanto, o seu pai adoeceu e faleceu no Rio de Janeiro, tendo sido enterrado num cemitério local. A sua mãe sempre teve o desejo de visitar a campa do marido, mas a vida nunca lhe proporcionou essa possibilidade. Dizia-nos o Sr. D. António que a mãe havia falecido recentemente e, por isso, o motivo que o tinha trazido ao Rio de Janeiro era visitar a campa do pai, cumprindo o desejo materno, o que veio a acontecer na tarde desse dia. A simplicidade com que partilhou connosco este seu drama foi dos pontos mais marcantes deste resto de viagem. Ligou-nos a ele, por esta sua partilha, uma amizade e um respeito que fez com que o chorássemos quando do seu recente falecimento. Era um Santo homem de Deus.

